

O SUJEITO RESPONSIVO / ATIVO EM BAKHTIN E LUKÁCS

Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Embora muitos estudos já tenham sido desenvolvidos acerca da questão do sujeito, em se tratando da Análise do Discurso (em suas diversificadas vertentes), essa ainda é uma questão aberta que sempre suscita polêmicas, pelos desdobramentos teórico-práticos que produz a partir das diferentes posições teóricas sob quais é abordada – o estruturalismo saussuriano, a psicanálise lacaniana, o materialismo estruturalista francês, a pragmática, o materialismo histórico dialético, só para citar alguns.

Como já dissemos em outro momento,¹ diferentes posições teóricas possibilitam diferentes olhares sobre o mesmo objeto de estudo. Nesse sentido, entendemos ser necessário expressar nossa compreensão acerca do tema, destacando o lugar teórico de onde falamos e, conseqüentemente, o nosso ponto de vista. Não temos neste trabalho, a pretensão de examinar os campos teóricos referidos – o do sujeito individualista representado pela fenomenologia e pelo interacionismo simbólico; o sujeito assujeitado que, de acordo com a perspectiva estruturalista, pode ser assujeitado pela estrutura social, pela estrutura lingüística e pela estrutura do inconsciente. Esses são alguns elementos característicos das posições, supracitadas a que nos referimos, apenas para estabelecer um contraponto à filiação teórica que assumimos e a partir da qual abordaremos a questão do sujeito. Tomaremos o caminho de uma terceira vertente que vem ganhando espaço no terreno das ciências sociais representado por teóricos como Bakhtin, Lukács, Leontiev, Duarte, Magalhães, além de outros que adotam o referencial teórico do materialismo dialético, nos estudos da linguagem.

1. Subjetividade, consciência e sujeito do discurso.

1.1. A propósito da subjetividade

Iniciando com Duarte (1993, p.50), temos que “todo ser humano é único, irrepetível, singular. [...] Todo ser humano é portador de uma individualidade especificamente

¹ Cf. Cavalcante, 1999

humana.”. Ao explicar como se constitui essa “individualidade especificamente humana”, Duarte o faz, distinguindo-a da individualidade biológica, animal.

Enquanto a individualidade biológica é herdada da espécie e se forma através da adaptação com o meio-ambiente, por meio de comportamentos que garantem aos animais a sobrevivência, a individualidade humana se autoconstrói pelo processo de apropriação-objetivação da natureza e dos produtos que o gênero humano acumulou ao longo de sua história. Ou seja, durante toda sua existência, o homem entra em contato com a natureza e com elementos que o gênero humano produziu – objetos, instrumentos, linguagens, entre outros.

Nessa relação com as objetivações genéricas, mediatizadas pela apropriação (tomada de posse e transformação), o indivíduo re-elabora o já existente, descobrindo nele novas funções, novas formas de utilização e objetiva-se, produzindo o novo. Esse novo terá a marca da subjetividade e resultará, ainda que minimamente, em mudança da realidade objetiva. Ou seja, diante da realidade posta, a subjetividade realiza escolhas dentre as alternativas que a objetividade lhe oferece e nela intervém, tendo em vista superar as necessidades (suas e da realidade), imprimindo sua marca de subjetividade. Aí reside, no dizer de Magalhães (1962, p. 2), “a condição intrínseca de ser sujeito, isto é, a capacidade de imprimir, **de forma consciente**, sua marca na objetividade.”. (grifo nosso). A referida autora (*op.cit.*) explica o sentido de consciente não como “o domínio racional de todo o processo, mas apenas a intencionalidade do sujeito de pensar uma ação”, ou seja, de pré-estabelecer um fim para seus atos e antever o resultado de sua ação.

Assim sendo, podemos afirmar que o indivíduo se constitui como sujeito e se insere na história como ser genérico nesse processo de subjetivação-objetivação. Isso, no entanto não se dá de forma idêntica de sujeito para sujeito. Varia quantitativa e qualitativamente, em função de múltiplas determinações – momento histórico, referências culturais, posição do indivíduo no interior das relações sociais etc. A intervenção da subjetividade na objetividade pode ser mais ou menos consciente, ou seja, o processo de constituição do sujeito se dá de forma heterogênea, mediante diferentes tipos de mediações e diferentes níveis de consciência.

1.2 Sobre a consciência

Consciência, segundo CHAUI (1994, p. 171), “é a capacidade para conhecer, para saber que conhece e para saber que conhece o que conhece. A consciência é um conhecimento das coisas e de si e um conhecimento desse conhecimento (reflexão).” LEONTIEV (2004, p. 94) em seu estudo sobre as condições de aparecimento da consciência² nos fornece significativa contribuição quando afirma que

A consciência só podia aparecer nas condições de uma ação efetiva sobre a natureza, nas condições de uma atividade de trabalho por meio de instrumentos, a qual é ao mesmo tempo a forma prática do conhecimento humano. Nestes termos, a consciência é a forma do reflexo que conhece ativamente. [...] É o reflexo da realidade, refratada através do prisma das significações e dos conceitos lingüísticos, elaborados socialmente. [...] É a forma histórica concreta de seu psiquismo. Ela Adquire particularidades diversas segundo as condições da vida dos homens e transforma-se na seqüência do desenvolvimento das suas relações.

É, pois, a consciência que fixa as aquisições, os resultados alcançados a cada momento pela humanidade, confronta essas aquisições com a realidade e transforma o adquirido (apropriado) em base para a produção do novo. Adquire forma e existência nos signos criados pelos indivíduos, no processo de trabalho em que agindo sobre a natureza os homens a transformam e se transformam ao mesmo tempo em que (inter) agem com e sobre outros homens nas suas relações sociais. Os signos são, pois o alimento da consciência e só emergem no processo de relação entre os indivíduos. A forma concreta sob a qual opera a consciência da realidade circundante é a linguagem cujo nascimento é conseqüência da atividade produtiva dos homens.

Essa atividade se desencadeia em duas direções: na ação dos homens sobre a natureza, apropriando-se de meios de satisfazer suas necessidades e na necessidade de se comunicar com outros homens – conseqüência da atividade produtiva. Em MARX (1975, p. 159), temos que “a linguagem é tão velha como a consciência, a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para outros homens, que existe, portanto, então, para mim também”.

Apoiado nessa afirmação de Marx, LEONTIEV (*op. cit.*, p. 92) acrescenta que “tal como a consciência, a linguagem é o produto da coletividade, o produto da atividade humana, mas é igualmente ‘o ser falante da coletividade’ (Marx); é apenas por isso que existe igualmente para o homem tomado individualmente”. Ou seja, a percepção e efetivação das relações sociais só são possíveis através da linguagem, sem linguagem não

² Cf. LEONTIEV, Aléxis – O desenvolvimento do psiquismo, São Paulo, Centauro, 2004.

há consciência. Entretanto, como já foi dito anteriormente, as formas de manifestação da consciência não são idênticas; variam de acordo com as relações sociais que o indivíduo estabelece e seu grau de clareza é proporcional ao grau de orientação social em que o sujeito se insere. É o que nos diz BAKHTIN (1981, p. 115), “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior.” Diante do exposto, podemos concluir que a consciência: tem origem social; tem a linguagem como material de expressão semiótica; manifesta-se em níveis. Tomando as categorias marxianas de “em si” e “para si”, utilizadas por Duarte (1993), teremos, de acordo com o nível de manifestação, a consciência em si e a consciência para si.

Consciência em si é a consciência vivida, mas não reflexiva, na qual o sujeito tem uma vaga e confusa percepção de si mesmo e do que se passa à sua volta. Apropria-se das objetivações genéricas, sem manter uma relação consciente com elas. Ou seja, o indivíduo se apropria da linguagem e através dela se objetiva, relaciona-se com instrumentos, aprende a utilizá-los, produz novos objetos sem ter consciência plena de que a linguagem, os instrumentos, os objetos são produtos humanos e de que suas objetivações (do indivíduo) também estarão a serviço da humanidade e serão por ela apropriadas.

Consciência para si é a consciência ativa e reflexiva na qual o sujeito tem consciência de pertencer ao gênero, de com ele relacionar-se. É capaz de reconhecer a diferença entre si e o gênero, de direcionar sua ação em função dos valores genéricos que assume.

3. A constituição do sujeito na/pela linguagem.

Sendo a linguagem uma das objetivações genéricas que constitui a base do desenvolvimento humano, tentaremos, de agora em diante tecer considerações acerca das relações que os indivíduos estabelecem com essa objetivação. Segundo DUARTE (1993, p. 137-138),

A atividade vital humana, sendo originariamente coletiva, exige, portanto, a atividade comunicativa. A atividade de comunicação foi, ao longo da história primitiva, se objetivando em processos que geraram a linguagem.[...] Sem apropriar-se da linguagem, dos objetos e dos usos e costumes ninguém pode existir enquanto ser humano.

A linguagem, como a consciência, é, pois um fato social, uma vez que resulta do processo de apropriação-objetivação dos produtos humanos historicamente acumulados. Como já dissemos anteriormente, sem consciência não há percepção da genericidade e sem

linguagem não há consciência. É através da linguagem que os indivíduos se apropriam da realidade e da própria linguagem, de conceitos que lhes permitem entender os fenômenos e agir no mundo. Essa forma de objetivação se objetiva via discurso.

O discurso é, pois, produto das relações do indivíduo consigo e com os outros indivíduos. É nesse processo que se constitui o sujeito e as marcas que imprime em seu discurso carregam o histórico e o ideológico das relações que cada sujeito estabelece com o mundo, ou seja, a história da atuação desse sujeito no mundo. É nessa relação entre o mundo e o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É nessa relação que se cria a possibilidade de diálogo e na perspectiva do diálogo há sempre um movimento de ida e vinda que cria a possibilidade de modificação recíproca. O diálogo, na concepção baktiniana, não se limita apenas à comunicação entre pessoas colocadas face a face, mas abrange todo o processo de comunicação: verbal (falado ou escrito) e não verbal. BAKHTIN (1981, p. 123) diz que qualquer enunciação,

por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções de um grupo social determinado.

Nessa perspectiva, o discurso não é pensado como um bloco uniforme, mas como um espaço marcado pela heterogeneidade de “diversas vozes”, vindas de outros discursos – o discurso de um outro (interlocutor) posto em cena pelo enunciador ou o discurso do enunciador colocando-se em cena como um outro. Nesse sentido, o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente. A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, susceptível de renovação pela dependência da compreensão que acontece no diálogo, onde se constitui a singularidade, pelo fato de a intersubjetividade ser anterior à subjetividade e de a relação entre interlocutores ser responsável pela construção de sujeitos produtores de sentidos. Desse modo, diz BAKHTIN (1992, p. 290),

a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude **responsiva ativa** (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: [...] o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota simultaneamente, para com esse discurso, uma atitude **responsiva ativa**: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar. (grifos nossos).

Essa atitude responsiva ativa implica uma ação concreta dotada de intencionalidade (isto é, não involuntária) praticada por alguém. Essa perspectiva é interpretada por SOBRAL (2005, p. 20) que destaca o caráter de “responsabilidade³ e de ‘participatividade’ do agente que une responsabilidade - o responder pelos próprios atos - a responsividade, o responder a alguém ou a alguma coisa”

O dialogismo vem estabelecer, portanto, uma ruptura tanto com a visão de sujeito fonte, infenso à inserção social, como com a visão de sujeito assujeitado, submetido ao ambiente sócio histórico. É a partir dessa perspectiva que defendemos um sujeito constituído nas práticas sociais concretas, por elas condicionado, mas também capaz de fazer escolhas, não qualquer uma, mas dentro das possibilidades permitidas pela objetividade; capaz de intervir na realidade e essa intervenção será tão mais adequada e eficaz quanto maior for o conhecimento que essa subjetividade tiver da objetividade posta. Essas afirmações encontram respaldo também em Lukács para quem o homem é um ser que reage às demandas postas pela realidade objetiva, um ser que dá respostas a necessidades determinadas. Diz o referido autor (1978, p.5),

O homem torna-se um ser que dá respostas, precisamente na medida em que – paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente – ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e, quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, freqüentemente bem articuladas.

Reagindo a alternativas colocadas pela realidade objetiva o sujeito o faz aceitando-as, delas discordando, modificando-as, retendo certos elementos nela existentes, transformando-os em novas perguntas para as quais vai procurar respostas. É essa atividade que vai orientar a ação do sujeito, sem no entanto o anular, pois sendo um ser que responde ao seu ambiente, o faz dando as respostas possíveis naquele momento em função dos limites e possibilidades que a realidade objetiva lhe oferece. Essas respostas podem, no momento subsequente, se transformar em novas perguntas, e assim, sucessivamente, de tal modo que, tanto o conjunto de perguntas quanto o de respostas vão formando gradativamente os vários níveis de mediações que aprimoram e complexificam a atividade do homem, bem como enriquecem e transformam sua existência.

Concluindo provisoriamente

³ Sobral (idem) utiliza-se do neologismo ‘responsabilidade’ em língua portuguesa com o objetivo de traduzir o termo russo *otvetstvennost*.

É nessa relação entre o mundo e o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É nessa relação que se cria, como já foi dito, a possibilidade de modificação recíproca. Ou seja, o sujeito não se “assujeita” a partir das determinações sociais, mas nelas se constitui provocando mudanças exatamente porque ela é heterogênea e contraditória. Para finalizar, valemo-nos de FREIRE (1997, p. 21).

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo. [...] Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos condicionados, mas não determinados. **Reconhecer que a história é tempo de possibilidades e não de determinismo.** (grifo nosso).

Com essas considerações queremos deixar claro o nosso entendimento de que nem entendemos o sujeito como o senhor absoluto do seu “mover-se no mundo” pois que a objetividade lhe impõe limites nem submetido passivamente à realidade, pois ela também lhe apresenta possibilidades. E esses limites e possibilidades são também produzidos pelos homens, uma vez que as relações sociais por onde o sujeito se move estão intimamente ligadas às forças produtivas. Defendemos, pois um sujeito que reage, faz escolhas e cria novas possibilidades de individuação na rede de relações, num processo infinito de objetivações historicamente constituídas.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail – Marxismo e Filosofia da Linguagem, São Paulo, Hucitec, 1981.
- _____ - Estética da criação verbal, São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira – “A língua sob o olhar da Análise do Discurso” *in*: Moura, Maria Denilda (org:) – Os múltiplos usos da língua, Maceió, EDUFAL, 1999.
- _____ - Ensino de qualidade e cidadania nos Parâmetros Curriculares Nacionais: o simulacro de um discurso modernizador. Tese de doutorado, Maceió, UFAL, 2002.
- FREIRE, Paulo – Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa, São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- LEONTIEV, Aléxis – O desenvolvimento do psiquismo, São Paulo, Centauro, 2004.
- LUKÁCS, George – A reprodução, Roma, Ed. Ruinit, 1981.

MAGALHÃES, Belmira Rita Costa – “O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário”, *in*: VOESE, Ingo (org) – *Linguagem em Discurso*, volume 3, Número especial, Santa Catarina, Unisul, 2003.

MARX, K e ENGELS, F – A ideologia alemã, São Paulo, Moraes, 1984.

SOBRAL, Adail – “Ato/atividade e evento” *in*: BRAIT, Bet (org) – *Bakhtin conceitos-chave*, São Paulo, Contexto, 2005.